

Invasão do Espaço Pessoal: Um Estudo Experimental em Dois Shopping Centros

Juliana Lima Ramos, Kátia de Lima & Patrícia Regina L. Galvão

Resumo: Este estudo verificou as reações à invasão do espaço pessoal em transeuntes de shoppings de Brasília. Espaço Pessoal (EP) é um campo imaginário que envolve a pessoa, que limita as interações com outras pessoas. Investigou-se a existência de diferenças entre gênero, tanto no desvio da trajetória da caminhada, quanto para um contato físico despropositado. Foram observados 100 homens e 110 mulheres nos corredores de dois shoppings de Brasília. Uma pesquisadora caminhava propositalmente em direção à pessoa alvo, enquanto as duas outras registraram a distância no momento do desvio da rota por parte da pessoa alvo. Foram encontradas distâncias maiores entre os homens, e houve maior incidência de contato físico com mulheres.

A Psicologia Ambiental é uma área de estudo da psicologia que procura estudar o inter-relacionamento do homem e o ambiente físico, construído ou natural ao seu redor. Esta disciplina “trata das transações entre os indivíduos e seu contexto físico. Nestas transações, os indivíduos mudam o ambiente e seus comportamentos e experiências são modificados pelo ambiente”. (Gifford, 1987, p. 2).

Entre os temas estudados por esta área, encontram-se os processos individuais (tais como percepção e avaliação do ambiente); processos sociais (como o tema base deste estudo, o espaço pessoal) e processos sociais (abarcando vários tipos de ambiente e a relação do comportamento com eles).

Na área dos processos sociais, estuda-se o espaço pessoal. Este é identificado como uma determinada área dotada com limites invisíveis que cercam o corpo da pessoa (Sommer, 1973, p. 33). Trata-se de uma região carregada de conteúdos emocionais, cujo acesso a pessoas estranhas é negado. É um espaço que a pessoa interpreta como sendo seu, e por isso restringe o contato com outras pessoas.

A noção de espaço pessoal não é estática, já que ele é regulado pela distância física que a pessoa estabelece

quando em contato com outras pessoas, e não possui forma nem orientação espacial específica. Suas fronteiras não são rígidas, variando de acordo com o contexto e a pessoa com quem o contato é estabelecido. Tem a função de proteção e comunicação.

Sua origem está relacionada em parte a heranças genéticas do ser humano (Gifford, 1987, p. 122), como foi observado também em estudos com animais, mas é também uma questão culturalmente aprendida. A criança aprende a delimitar seu espaço pessoal nos seus primeiros anos de vida (Sommer, 1973, p. 37) e respeitar o de outras pessoas a partir do convívio com elas. As regras aumentam a medida em que a pessoa cresce. Elas estão também relacionadas ao posicionamento da pessoa. É mais tolerável a presença de alguém próximo ao seu lado que alguém a sua frente (Sommer, 1973). Podem ainda ser observadas diferenças importantes quando se comparam diferentes culturas, como o citado por Rodriguez (1990), que asiáticos suportam mais invasões em seu espaço que europeus o fazem. Situações sociais variam de país a país, povo a povo, e disso resultam distâncias específicas para cada tipo de pessoa e respostas diferenciadas quando a segurança deste limite é ameaçada. Um posicionamento ou atitude que não pareça ameaçador para determinada comunidade pode ser considerado extremamente invasivo para outra, como o costume de beijar a face de pessoas desconhecidas, ou do sexo oposto, por exemplo.

Existem também diferenças quanto às distâncias estabelecidas, de acordo com o sexo da pessoa. Homens têm espaços pessoais maiores (Gifford, 1987). Hall (citado em Bell, Fisher, Baum e Greene, 1996) justifica esta distância entre mulheres ser menor por elas serem mais dependentes de outras pessoas. Ele ainda afirma que a distância entre os indivíduos é determinada pela quantidade e qualidade de estimulações que são trocadas entre eles.

O espaço pessoal é delimitado pela distância em que o conforto da pessoa se situa. Sentir-se desconfortável com a proximidade com uma pessoa, é um indicativo de que seu espaço não está sendo respeitado, está sendo invadido.

A Série: Textos de Alunos de Psicologia Ambiental reproduz trabalhos de alunos das disciplinas Psicologia Ambiental e Psicologia Social. Estes trabalhos empíricos fazem parte das exigências destas disciplinas. Frequentemente, foi a primeira pesquisa realizada pelos autores.

Sobre o autor: Ao desenvolver este trabalho as autoras eram alunas da disciplina Psicologia Ambiental, ministrada pela mestrandia Ludmila Fernandes da Cunha sob a orientação do professor Hartmut Günther, durante o segundo semestre de 2001.

Endereço para contato: Laboratório de Psicologia Ambiental, Instituto de Psicologia, Universidade de Brasília, Caixa Postal 4480, 70919-970 Brasília, DF; hartmut@unb.br - www.psi-ambiental.net

☞ Como citar

Ramos, J. L., Lima, K., & Galvão, P. R. L. (2001). Invasão do Espaço Pessoal: Um Estudo Experimental em Dois Shopping Centros. Série: Textos de Alunos de Psicologia Ambiental, N° 01. Brasília, DF: UnB, Laboratório de Psicologia Ambiental.

Esta invasão aos limites do espaço pessoal é definida de acordo com o tipo de interação com a mesma. Um casal de namorados autoriza a invasão do seu espaço, uma vez que esta é compensadora e satisfatória; mas, existem outros casos em que esta aproximação é acidental ou proposital, como o contato físico em corredores movimentados ou estreitos. A interação pode ser prejudicada e dificultada por causa desse desconforto (Gifford, 1987). As pessoas acabam virando-se, evitando contato visual, e usando outras reações compensatórias para lidar com situações de desconforto (Patterson, Mullens e Romano, citado em Bell, Fischer, Baum e Greene, 1996).

Uma das formas para se evitar a invasão, é tratar o invasor como não pessoa, já que a noção de invasão só existe em se tratando de pessoas, e não objetos ou outras coisas (Sommer, 1973).

O estudo desta variável na Psicologia Ambiental pode acontecer por experiência subjetiva do sujeito ou objetivamente mensurada. Uma das técnicas utilizadas é a observação não reativa, em que o sujeito desconhece estar sendo observado; ou a reativa, havendo a interferência da própria pesquisa. Segundo Sommer (1973), a melhor forma para se medir o espaço pessoal é caminhar em direção a pessoa, até que ela reclame, e observar suas reações.

Hall (1966) estudou condições situacionais e variáveis de diferenças entre indivíduos. Ele descreveu oito gradações de distância interpessoal, com quatro distâncias principais:

1. Íntima: distância estabelecida para realização de atividades corporais (luta, sexo); envolve sensação de conforto e proteção; distância mantida durante a interação entre amigos, falar de perto, cochichar.
2. Pessoal: distância entre pessoas familiares, bons amigos ou casal conversando; distância na interação entre conhecidos, colegas.
3. Social: em transações comerciais; interações entre desconhecidos, usada em negócios formais.
4. Pública: quando pessoas comuns encontram pessoas públicas

Hall ainda observou que o espaço pessoal depende de diferenças culturais e normas sociais de interação.

Esse estudo teve como objetivo geral observar as reações dos indivíduos à invasão de seu espaço pessoal. O objetivo específico foi observar o comportamento de mudar a trajetória, na presença de outro, em transeuntes de dois *shoppings* do plano piloto, em Brasília. Para melhor compreensão do que foi estudado, foram utilizadas as seguintes definições neste trabalho:

Mudar a trajetória. Na presença da experimentadora, a qual está caminhando em sua direção, desviar deste evitando contato físico.

Contato físico. Qualquer contato de pele, roupa ou acessórios entre o transeunte e a experimentadora.

O estudo surgiu das seguintes perguntas, que levaram à

formulação das respectivas hipóteses:

1. Há diferença entre os gêneros com relação à distância em que desviam da experimentadora, evitando contato físico?
 1. *Hipótese nula:* Não há diferença entre os gêneros com relação à distância em que desviam da experimentadora.
 2. *Hipótese alternativa* (unidirecional): As pessoas do gênero oposto ao da experimentadora desviam a uma distância maior.
2. O contato físico acontece mais com pessoas de que gênero?
 1. *Hipótese nula:* Não há diferença entre os gêneros.
 2. *Hipótese alternativa* (unidirecional): O contato físico acontece mais com pessoas do mesmo gênero da experimentadora.

METODOLOGIA

Participantes da Pesquisa

Foram observados 100 homens e 110 mulheres, transeuntes de dois *shoppings*, escolhidos aleatoriamente pelas experimentadoras.

Procedimento

O estudo foi realizado em dois *shoppings* do Plano Piloto de Brasília, vide os Anexos 01 e 02 para as plantas baixas dos corredores.

Shopping 1

Foram escolhidos 4 corredores iguais, de 22 m de comprimentos e 4,8 m de largura. Essas distâncias foram calculadas por quantidade de ladrilhos do chão, os quais foram medidos e têm 0,40 m de lado.

Foi delimitado um espaço do corredor, de 10,4 m X 2,4 m. Isso significa quase a metade do comprimento do corredor e a metade da largura do mesmo, que era dividida por bancos de madeira e latas de lixo. O comprimento era delimitado por marcas já existentes no chão (um ladrilho mais escuro ou um ralo, por exemplo) ou pela extremidade da vitrine de uma das lojas do corredor.

Três experimentadoras participaram do estudo, uma com função de caminhar em direção aos participantes, outra com a função de observar o participante e a terceira com a função de observar o primeiro experimentador. Elas se comportavam como simples visitantes do shopping, olhando vitrines ou conversando num banco do corredor.

Uma experimentadora (A), que parecia olhar uma vitrine em uma das pontas desse espaço delimitado, observava os transeuntes que estavam caminhando na direção contrária. Assim que um desses transeuntes, escolhido aleatoriamente, entrava no espaço delimitado, a experimentadora (A) dava algum sinal para os outras duas experimentadoras (B) e (C). Esse sinal poderia ser um

gesto manual, discreto, demonstrativo da roupa que o transeunte estava usando (saia, blusa de alça ou chapéu/bonê), um “levantar de sobrancelhas” olhando para o transeunte ou simplesmente uma palavra ou frase a respeito, como “o de blusa preta” ou “a de saia”. Logo após indicar o participante escolhido, (A) começava a caminhar em linha reta, aproximadamente na mesma velocidade, em sua direção, e não desviava sua trajetória antes que o participante o fizesse.

(B) e (C) observavam, a uma distância de, no máximo 1 metro, e marcavam o lugar em que (A) e o participante estavam no momento de mudança de trajetória do último. A distância observada era anotada por uma delas, na ficha de observação. A ficha de observação era colocada sobre uma pasta/fichário, apoiada sobre as pernas de (B) ou (C), de forma que não denunciasses o experimento. No momento, essa distância foi medida em quantidade de ladrilhos, para evitar cálculos durante as observações. Além de anotar as distâncias, (B) observava o comportamento de (A) e (C) do comportamento do participante no momento do desvio de trajetória e quando ocorreu contato físico.

Os participantes podiam estar caminhando sozinhos ou acompanhados de, no máximo, 2 pessoas. A condição descrita acima foi repetida 49 vezes para homens e 54 para mulheres, havendo a tentativa de distribuição entre os quatro corredores escolhidos. Esse número ia sendo controlado pela ficha de observação; no momento em que fosse necessário igualar os participantes, (B) e (C) avisavam (A), e essa procurava escolher apenas participantes do gênero que estava faltando.

Como esse estudo pretendeu verificar diferenças entre os gêneros, enfatiza-se que as experimentadoras eram do sexo feminino. As diferenças foram então consideradas nessas circunstâncias, pois não houve participação de um confederado/aliado homem.

Shopping 02

Foram escolhidos 2 corredores iguais com 15 m de comprimento e 4 m de largura. Os ladrilhos desse *shopping* também foram medidos e apresentavam 0,40 m de lado.

Foi delimitado um espaço do corredor, de 10,4 m X 1,8 m. Isso torna o espaço semelhante ao do *shopping 01*, mas com uma largura menor (0,60 m de diferença). A delimitação do espaço foi realizada da mesma forma que no *shopping 01* e as experimentadoras comportavam-se da maneira descrita anteriormente.

A condição, nesse *shopping*, foi repetida 51 vezes para homens e 56 para mulheres, sendo observado um número de participantes em cada corredor.

Ambos os Shopping

Em ambos os shoppings, foram desconsideradas as situações em que:

2. O participante não viu (A) caminhando em sua direção;
3. (A) desviou antes do participante, porque outro transeunte atravessou o caminho da experimentadora e ficou em sua direção;

4. O participante parou de caminhar, por algum motivo (para olhar vitrine, abrir a bolsa ou conversar com seu acompanhante) antes de cruzar com (A);
5. O participante estava de mãos dadas ou abraçado com o seu acompanhante.

RESULTADOS

A partir da análise dos dados observou-se que existe uma diferença de distância entre homens e mulheres quando expostos a condições que exijam uma resposta rápida, tal como desviar a trajetória para evitar um contato físico com estranhos. A Tabela 1 mostra as médias e desvios padrões encontrados tanto para homens quanto para mulheres, comparando-se os dois *shoppings*.

Tabela 1: Médias e desvios padrão (dp), de distância (em metros) de homens e mulheres nos *shoppings*.

	<i>Shopping 01</i>	<i>Shopping 02</i>
HOMENS	1,65 (dp = 1,03)	1,83 (dp = 1,21)
MULHERES	1,61 (dp = 1,17)	1,46 (dp = 1,24)

Foi, portanto, possível constatar que a distância para mulheres, tanto no *shopping 01* quanto no *02* foi menor que a encontrada para pessoas do sexo masculino. Mas, esta diferença acentuou-se no *shopping 02*, cujos corredores são mais estreitos. No entanto, esta diferença não foi significativa quando realizando o Teste t para comparação das médias de distância entre homens e mulheres para ambos os *shoppings*, já que foi encontrado o valor de $p = 0,43$ para o primeiro e de $p = 0,07$ para o segundo. Estes resultados não são significativos, mas apontam uma tendência para as mulheres desviarem a uma distância menor que a dos homens para o segundo *shopping* ($p = 0,07$).

A Tabela 2 apresenta a quantidade de esbarrões observados em cada ambiente durante o tempo de observação. Houve um maior contato físico entre as experimentadoras e pessoas do sexo feminino no *shopping 01* – um total de onze – que entre elas e pessoas do sexo masculino – um total de seis. Esta diferença também se confirmou no *shopping 02*, já que sete mulheres e dois homens tiveram contato físico com a experimentadora.

Tabela 2: Contato físico em cada *Shopping*.

	<i>Shopping 01</i>	<i>Shopping 02</i>
HOMENS	6	2
MULHERES	11	7

As observações do comportamento da experimentadora resultaram em 3 categorias principais:

1. Desistência: A experimentadora, 2 vezes, desistiu de caminhar em direção ao participante porque este estava andando muito lenta ou rapidamente.
2. Agressividade: A experimentadora manteve, por 3 vezes, o corpo rígido ao cruzar com o participante, mesmo que isso causasse impacto no contato entre os

dois.

3. Constrangimento: A experimentadora demonstrou constrangimento quando um participante se mostrou irritado por ter esbarrado nele.

Também houve constrangimento quando o experimentador separou um pai de sua filha pequena. Os dois estavam de mãos dadas e tiveram que se separar quando o pai foi desviar do experimentador.

Na maioria dos casos, os participantes não reagiam de forma alterada quando acontecia o contato físico. Eles simplesmente seguiam sua trajetória como se aquele incidente fosse corriqueiro. Mas, alguns deles reagem agressivamente, olhavam com reprovação para a experimentadora, sem perceber que a atuação desta era proposital. Isto pôde ser observado nos corredores dos dois *shoppings*, no entanto, mais evidências de comportamentos de irritação foram verificadas no *shopping 02*.

DISCUSSÃO

De acordo com a definição de espaço pessoal, uma de suas características mais evidentes é a flexibilidade em ser adaptável a cada situação que a pessoa enfrenta (Sommer, 1973), a partir da vivência do indivíduo e das influências ambientais presentes no seu cotidiano. Este estudo procurou evidenciar esta diferença comparando situações de controle, em que determinadas características do ambiente físico, como a largura do corredor, ou do ambiente social, como o sexo do experimentador interferem na resposta motora dada pelos participantes. Corroborando uma das hipóteses alternativas, encontrou-se uma tendência de maior distanciamento entre experimentadora e pessoas do sexo oposto. Isso pode ser explicado por haver uma norma de conduta social de se manter uma maior distância de pessoas estranhas, com uma tendência maior para o sexo oposto. Isso também é justificável pela teoria, como Gifford (1987) que afirma que homens têm um espaço pessoal maior que as mulheres. E neste caso, a experimentadora sempre era do sexo feminino.

Como essa diferença foi encontrada em mais de um ambiente, aumenta-se a possibilidade de esta explicação ser a mais aceitável, no entanto, outros fatores devem ser considerados. Não foi possível afirmar que controlar a dimensão do espaço de circulação implica, necessariamente, em variação na resposta, já que se observando corredores com larguras diferenciadas não evidenciou uma diferença real na distância de desvio comparando-se homens e mulheres. A hipótese de que não haveria diferenças de distância entre os gêneros não foi confirmada.

Também se observou que quanto menor é o espaço físico, maior a probabilidade em se observar diferença no limite do espaço físico, como se observou que no *shopping 02* a diferença entre homens e mulheres se acentuou.

A outra hipótese, de que o contato físico seria mais freqüente para pessoas do mesmo sexo do experimentador

também se confirmou nos dois ambientes. Como o espaço pessoal feminino é menor, segundo apontado por Hall (citado em Bell, Fisher, Baum e Greene, 1996), acaba sendo mais facilmente invadido.

Outras questões também devem ser analisadas para se explicar as diferenças encontradas nos resultados: por se tratar de *shopping*, que é um ambiente bastante movimentado e freqüentado por pessoas geralmente estranhas umas às outras, seria considerável encontrar a invasão de espaço pessoal. Sommer (1973) afirma que ele pode ser alterado, ou desaparecer sob certas condições. Quanto mais pessoas no corredor do *shopping*, menor é o espaço ocupado por cada uma. O objetivo final das pessoas neste ambiente também é relevante, já que muitos dos sujeitos encontravam-se apenas passeando, observando as vitrines, enquanto outros mais apressados caminhavam em direção a algum lugar específico, acentuando as possibilidades de invasão do seu espaço. Em um dos ambientes, ainda, alguns sujeitos ficaram irritados ou demonstraram agressividade a medida que o contato físico entre experimentador e esta pessoa ocorria. Mas isso somente aconteceu no *shopping 02*, que atende a todas as classes sociais do Distrito Federal, o que pode justificar essas ocorrências, embora não tenha sido encontrado nenhum estudo que afirme existir diferenças de espaço pessoal em diferentes classes sociais.

Os dados encontrados nos *shoppings 01 e 02* apontaram uma variável importante: a largura do corredor. Seria relevante a realização de outro estudo semelhante a este, mas em um espaço com uma largura ainda menor para verificar se esta tendência é real.

Outra sugestão é a realização do mesmo estudo por experimentadores homens. Talvez daí seja possível identificar alguma diferença nos resultados em decorrência da postura do experimentador. Desta forma se constataria a existência ou não de diferenças quanto a questões de gênero, e qual seria a reação de homens tendo seu espaço invadido por outros homens.

IMPRESSÕES DO GRUPO

Para o grupo essa pesquisa foi bastante interessante. A área de estudo da Psicologia Ambiental permite a fluência da criatividade e incita à observação de fenômenos cotidianos sob outra ótica. Além disso, foi realmente divertido estar em dois *shoppings* realizando essa pesquisa. São muito inusitadas as reações das pessoas e isso mexeu muito com as nossas sensações.

Pensamos que a maior contribuição desse estudo, para cada uma de nós, enquanto “transeuntes”, foi a melhor percepção da existência do espaço pessoal. Como sabemos de sua invisibilidade, até mesmo por ser um “constructo” teórico, só podemos vislumbrá-lo através do encontro dessas barreiras de distância que se estabelecem entre as pessoas.

REFERÊNCIAS

Bell, P.A., Fisher, J. D., Greene, T. & Baum, A. (1996).

Environmental Psychology. Forth Worth, TX: Harcourt Brace Javanovich.

Gifford, R. (1987). *Environmental psychology*. Boston: Allyn and Bacon.

Rodriguez, A. F. (1990). Invasión del espacio personal

ante diferentes gradientes de complejidad en ambientes naturales. *La Psicología Social en México*, V3. Mexico: U. N. A. N.

Sommer, (1973). *Espaço Pessoal* (D. M. Leite. Trans.). São Paulo, SP: EPU – EDUSP.